

Análise de uma experiência no Carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG com textos de Cordel*

Analysis of an experience with «cordel» literature at the Bookmobile of the Library School of the Universidade Federal de Minas Gerais

VERA LÚCIA DE CARVALHO CASA NOVA **

ROSALY ISABEL SENRA BARBOSA ***

Estudo da aceitação da Literatura de Cordel no Carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG, com o objetivo de verificar a recepção de leitura de textos populares. A análise foi feita a partir de entrevista com leitores do carro-biblioteca na região periférica de Belo Horizonte, observando os seguintes aspectos: recepção do folheto e sua aceitação, tendo como polo de leitura, o leitor, e a relação com os textos de literatura infantil. Foram entrevistados 109 usuários/leitores de Cordel, constituindo 82,57% dos leitores de Cordel no período de pesquisa.

* Foi feito um concurso de frases e/ou slogans junto às crianças do Carro-Biblioteca, tendo como tema, «O Carro-Biblioteca na minha cidade» e a frase premiada foi: «Chegou uma pombinha azulinha, era o Carro-Biblioteca que envinha».

** Professora de História de Literatura da Escola de Biblioteconomia/UFMG e de Literatura de Massa na Faculdade de Letras da UFMG.

*** Bibliotecária Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia/UFMG.

1. DOS MÉTODOS E OBJETIVOS

A proposta de pesquisa junto ao carro-biblioteca da UFMG com textos de produção popular tem como objetivo verificar a recepção de leitura desses textos na população das cidades periféricas de Belo Horizonte, visitadas pela «pombinha azulinha», e a criação de um novo tipo de receptividade para os usuários, quanto aos produtos literários.

A literatura de Cordel foi escolhida como primeira forma de produção literária popular para estudo de recepção, por termos pensado no interesse que já há algum tempo vem se difundindo não só por entre a gente do povo, seu público habitual, que frequenta feiras das pequenas cidades do interior do Nordeste, moradores do subúrbio, alagados, mas também nos grandes centros urbanos como Rio, São Paulo, Brasília, através da migração para estas cidades.

Mesmo manipulada pelos meios de cultura de massa, vista como pitoresca ou exótica pela classe dominante, ou reprodutora de ideologia do poder, essa modalidade de literatura resiste como explorado, tal qual o lavrador empurrado pelas sucessivas expropriações até a periferia da grande capital.

Por outro lado, refletir sobre caminhos da prática cultural do Cordel, não como algo que precisa ser protegido em sua fragilidade frente à indústria cultural, mas em função das relações de poder que se estabelecem em vários níveis no seu interior, além de possibilitar a pesquisa da produção de sentido, a produção de saber das classes subalternas.

As perspectivas de abordagem, as estratégias, com relação ao Cordel, são variadas. Elas passam por vários caminhos, da Antropologia à Estética. Nossa estratégia, inicialmente, é a do leitor. Exercendo uma função de

co-autoria dentro de práticas sociais (econômico, político, cultural) que se identificam em muitos aspectos, o leitor faz uma leitura diferente da produção que o sistema editorial distribui. Ele manifesta pelo processo de aceitação, o reconhecimento e a legitimação do que lhe é peculiar.

Entre outras questões levantadas por nós no início de nossa pesquisa estavam: como seria a aceitação dos folhetos pelos usuários do carro-biblioteca? Como fazer essa aproximação? Como abordar o material empírico das entrevistas? Qual a metodologia? Aqui os nossos primeiros passos e a certeza de que essa pesquisa está em busca de contribuição para ser levada adiante não só em sua parte teórica, mas também em sua prática.

2. A ENTREVISTA

A técnica da entrevista estruturada com questões abertas (anexo) foi a escolhida por nos faltarem outras possibilidades, como tempo e material; mas por outro lado, como lembra E. Bosi: «é a mais flexível e permite contato mais próximo com o entrevistado» (1), além de estimular uma fala mais livre, e por isso mais autêntica. Possibilitando também que a entrevistadora anotasse algumas passagens interessantes tais como:

— a namorada do entrevistado entregou os folhetos, fez sua ficha de usuário do carro-biblioteca, para poder levar mais folhetos, mas não levou nenhum livro da coleção tradicional.

Isto para nos mostrar desde já a aceitação, não fossem os números das tabelas.

A primeira parte desse trabalho tenta analisar a receptividade do folheto, sua aceitação, a partir das respostas colhidas. Foram distribuídos 150 folhetos, advin-

dos de Caruaru (PE), Recife (PE) e Juazeiro do Norte (CE). No alto-falante, a voz de Patativa do Assaré (2) gravada no carro-biblioteca chegava com ele.

O número de usuários/leitores de Cordel chegou a 132, no período de 31-03-82 a 25-06-82, média de 8 semanas; e desses, 82,57% foram entrevistados, perfazendo um total de 109 entrevistas.

Santa Luzia, Raposos e Sarzedo foram as cidades. Excluídas, por enquanto, Ibirité e Contagem por não haver material disponível, já que a demanda foi maior que a oferta naquelas cidades.

3. OS TEXTOS

Os textos levados pelos leitores de Cordel, eram de autoria variada. Citamos aqui os de frequência de leitura mais alta *.

- 1º — Exedito Sebastião da Silva, Suplício de um Condenado (1)
- 2º — H. Rei. As duas mulheres valentes (13)
- 3º — Exedito S. da Silva. Trechos de Vida completa de Lampião (12)
- 4º — José Cavalcanti e Ferreira Dila. Chico Ricardo e o Negro Teixeira (11)
- 5º — José Vilanova. A 2ª queixa de Santanaz a Cristo sobre a corrupção do mundo (sic) (10)
- 6º — Severino José dos Santos. A velha feiticeira contra Lampião (8)
- 7º — José C. e Ferreira Dila. Os Sertões e o Cangaço (8) (3).

* folhetos e romances: conforme os próprios autores, foram considerados aqui folhetos, os de 8 a 16 páginas; de 24 páginas em diante, romance.

Suplício de um Condenado é um romance que descreve a estória de uma moça, Gisela, filha de nobres franceses que encontra depois de muitos anos, seu pai, um condenado à prisão. Por entre peripécias variadas e tramas diabólicas, o pai é libertado, a mocinha se apaixona pelo mocinho e o «happy-end» acontece. Isto tudo narrado em ambiente francês com piratas e aristocratas.

Trechos da vida completa de Lampião é outro romance que conta um «resumo sobre a vida do famoso Lampião, rei do Cangaço». É a História contada pelo povo nordestino que não foi à escola.

As duas mulheres valentes é a narrativa sobre Dona Berlamina e Tereza, duas vizinhas que brigam e no fim fazem as pazes.

Chico Ricardo e o negro Teixeira narra a estória do Cangaçeiro Chico Ricardo que mata o negro Teixeira a pedido de um «coronel» fazendeiro.

A 2ª queixa de Santanaz a Cristo sobre a corrupção do mundo é um romance em que o diabo faz crítica dos homens. Década de 40, quando o diabo foi ao céu fazer queixa dos homens a Cristo. Cunho religioso e moralizante.

A velha feiticeira contra Lampião e os Sertões e o Cangaço narram versões sobre a história de Lampião, Antônio Silvino, Antônio Félix, entre outros.

4. DADOS SOBRE O LEITOR

A faixa etária predominante dos usuários do carro-biblioteca é de 7 a 14 anos, estudantes. Os adultos em sua maioria são operários de fábricas e mineração. A população feminina é doméstica. A moda dos usuários entrevistados se apresentou na faixa de 8 a 12 anos, sendo que 32,11% dos entrevistados é de meninas. Houve diminuição na procura do folheto de Cordel, na medida em que a idade aumentava.

TABELA 1

Idade dos usuários entrevistados (por sexo)

IDADE	FEMININO		MASCULINO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
8 — 12	35	32,11	23	21,10	58	53,21
13 — 17	25	22,93	10	2,17	35	12,11
18 — 21	4	3,67	9	2,76	7	6,42
21	6	5,50	8	2,76	9	8,26
TOTAL	70	64,21	39	35,79	109	100,00

MODA — 8/12 anos
 I. MÁXIMA — 39 anos
 I. MÍNIMA — 8 anos

Apesar de não ser escrito intencionalmente para criança, este foi o público mais receptivo a sua leitura.

Por outro lado, nas classe mais baixas, a menina ainda em casa, grande parte de seu tempo livre, constitui padrão cultural altamente prezado pelo operariado brasileiro, conforme lembra Luiz Pereira em **Trabalho e Desenvolvimento no Brasil** (4),

o que lhe permite ter maior tempo para a leitura, depois de ter ajudado em casa, ou em outros pequenos afazeres.

5. ESTUDO DOS DADOS OBTIDOS NA ENTREVISTA

Com relação a preferência de leitura dos textos de Cordel pelas meninas, disse uma delas que:

— «sempre a gente quer ler um folheto, porque é fino e rápido, não atrasa os afazeres de casa» (sexo fem., 18 anos, Santa Luzia).

É interessante notar esse depoimento, pois ele aponta a insistência da leitura fácil e rápida, hábito pertinente de leitura dos produtos da Indústria Cultural, tais como fotonovelas do tipo Capricho, ou quadrinhos da Mônica que em pesquisa no mesmo Carro-Biblioteca da UFMG foi indicada como mais lido, por J. Kremer (5). Capricho, Ilusão, Love Story, Sabrina entre outros, estão próximas em interesse e preferência de modalidade. Convém notar que o enredo e a temática de muitos desses textos têm estreita ligação com os textos de literatura de Cordel, como é o caso de Suplício de um Condenado, que revela traços daquelas produções alienantes, sendo, porém, mais rica, quando se pensa na produção de sentido e na poética.

Por outro lado, quando da leitura de **As duas mulheres valentes**, os comentários que denotam o interesse despertado são variados. Quando interpelados sobre o porquê de terem levado o folheto:

— «porque fala da briga das mulheres» (sexo fem., 10 anos, Sarzedo):

— «porque as duas tiveram coragem de enfrentar a vida». (sexo masc., 10 anos, Raposos).

A partir daí poderíamos pensar no que seria um espaço de leitura crítica até mesmo para os usuários do carro, para o desenvolvimento das potencialidades de interpretação dos textos. Mas isso é projeção para o futuro, não para o agora. Os adultos que passavam pelo carro-biblioteca, paravam para ouvir o texto de Patativa do Assaré. Alguns até saíam de suas casas para melhor prestar atenção e sentavam nos banquinhos da praça. Atentos à fala de Patativa, comentavam uns com os outros o que ouviam.

Pelos depoimentos, não resta dúvida que a curiosidade foi a tônica. A novidade trazida pelo carro-biblioteca despertou, sobretudo na garotada, a procura de novos textos de Cordel. O apelo visual dos folhetos pendurados de um lado a outro por um cordel, o apelo auditivo, na voz de Patativa do Assaré foram alguns aspectos para a motivação à leitura desses textos.

Com relação ao interesse despertado pelo Cordel, a maioria dos usuários entrevistados frequentava o carro-biblioteca há mais de 1 ano (24,77%) e os outros frequentavam há mais de 2 anos (16,51%), mostrando que os usuários que se interessaram pela leitura do Cordel já tinham certa prática de leitura do acervo do carro-biblioteca.

TABELA 2

Preferências de Leitura (por idade/sexo)

PREFERÊNCIAS	FEMININO				MASCULINO				TOTAL
	8-12	13-17	18-21	> 21	8-12	13-17	18-21	> 21	
Quadrinhos	18	17	1	1	21	7	2	2	69
Poesias Infantil	19	15	3	4	12	5	1	3	62
a) geral	26	13	1	1	12	3	1	—	57
b) Contos de fadas	19	14	1	3	10	3	1	—	51
Fotonovelas	10	15	2	5	5	—	—	1	38
Romances	5	10	4	3	3	2	3	2	32
Teatros	4	4	—	1	5	2	1	1	18
Outros *	3	4	1	5	7	19	9	6	54

* Outros — crônica, didáticas, policial, religião, ficção

Quando solicitados pela entrevistadora sobre a preferência de leitura, 69 leitores responderam quadrinhos (63,30%); enquanto 62 leitores (56,88%) apreciam

poesia: 57 leitores (52,25%) literatura infantil em geral; 51 leitores (46,79%) contos de fadas.

Essa mostra já possibilita ver como a produção de literatura de massa influencia em boa parte as cabeças infantis. A tendência apontada pelos quadrinhos, sem nos atermos a personagens nos mostra o condicionamento ideológico — o apelo ao visual, ao rápido, ao fácil — e seu significado. Além do aspecto da aventura, característica não só dos produtos da indústria cultural, mas também de muitas estórias de literatura infantil.

O que será para o leitor uma aventura? Segundo Moacyr Cirne — «a aventura — viagem aparentemente sem fim pelos claros labirintos da memória — coloca o leitor, íntegro e inteiriço, diante do imaginário. Ou melhor, recorrendo ao vocabulário encantado de G. Rosa, coloca-nos diante do imaginamento. E a aventura não é apenas a busca dos sonhos perdidos na infância mais remota; é também, praticamente, a busca dos sonhos que se cristalizarão no futuro... a aventura, ao se oferecer casta e clara como a mulher amada, recria a fantasia: fantasia esta que pode ser alienante, quando imposta pelos signos da cultura de massa dominada pelo capitalismo; ou que pode ser poética, quando gerada pelos signos da consciência social» (6), como acontece com os versos de Cordel.

Aventura, imaginário, memória, símbolos e mitos. Não residiria nisso a busca do leitor em seu trabalho de leitura do folheto, da poesia, do conto de fadas?

Os quadrinhos não deixam espaço para o preenchimento de vazios de sentido. A poesia é justamente sua antítese — é a linguagem de maior produção de sentido. A literatura infantil, o conto de fadas possibilitam a viagem ao imaginário, enquanto a fotonovela, como os quadrinhos infantis esvaziam-no.

TABELA 3

Razões para a escolha dos Folhetos de Cordel

RAZÕES	Nº USUARIOS	%
«Curiosidade/interesse»	47	43,12
«Gostou do folheto»	12	11,00
«Gosta de poesia»	9	8,25
«Capa» — (título/ilustração)	8	7,34
«Fácil de ler»	7	6,42
Influência de outros	5	4,59
Outros	16	14,68
Sem resposta	5	4,59
TOTAL	109	100,00

Curiosidade pelo novo e diferença são as marcas das razões para a escolha dos folhetos de Cordel. 43,12% dos entrevistados levaram os folhetos por curiosidade; outros 11% porque gostaram; 34% foram chamados à atenção pelo título e pela ilustração das xilogravuras na capa.

O interesse pelos títulos, a oferta, o registro da História, e o aspecto da diversão foram constantes em todos depoimentos colhidos:

- «peguei, gostei, levei» (sexo fem., 12 anos, Sarzedo);
- «porque a moça do Carro-Biblioteca me ofereceu» (sexo masculino, 18 anos, Santa Luzia);
- «conta as coisas que Pe. Anchieta fez e nunca tinha visto estória de moço que virou jumento» (sexo fem., 14 anos, Sarzedo);
- «por causa do nego que pega muié faz covardia e mata» (sexo fem., 11 anos, Sarzedo);

- «porque chamou minha atenção» (sexo fem., 13 anos, Santa Luzia);
- «por causa do Lampião e Maria Bonita na TV». (sexo masculino, 12 anos, Raposos);
- «vi com o colega e comecei a ler e gostei» (sexo fem., 14 anos, Santa Luzia);

O drama, a movimentação de personagens, o ritmo do verso, as marcas de oralidade e a soma de experiências populares trazidas pelo Cordel são outros ingredientes que se ligam à produção de Contos de Fadas. Com relação aos quadrinhos, o Cordel, é o banguê-banguê de «bacamarte e peixeira», das mulheres que brigam, das galerias de heróis e heroínas, do drama da seca, da valentia dos homens do cangaço, bem ao gênero faroeste, mas também da fábula e do fantástico, onde os elementos da cultura popular se entrecruzam constantemente.

A curiosidade inicial movida sobretudo pela diferença da aparência física do livro reforça o interesse, quando da leitura do primeiros versos de quem pega o folheto. A capa em xilogravura, o papel de jornal, são antíteses da apresentação do sistema editorial, em termos de cor, traço, letra, técnica. Isso se vê, por exemplo, nesse registro:

— «é bom ter folhetos no carro-biblioteca, para as outras pessoa lerem e verem que não é só livro de estória, que existe outros tipos de livros também» (sexo fem., 15 anos, Santa Luzia).

A resposta da entrevistada parece que o Cordel foi visto como um livro de estória diferente de outros «tipos de livros».

Entre os pontos temáticos mais relevantes, em termos de preferências, pelos entrevistados estavam: a História, a Religião. A literatura de quadrinhos, que propicia leitura rápida, facilidade de leitura e a aventura, foi apontada juntamente com a poesia, pelo que essas duas modalidades apresentavam de ligação com o imaginário e o lúdico.

TABELA 4

Opiniões sobre os Folhetos de Cordel

OPINIÕES	Nº USUARIOS	%
«Estória Interessante»	37	30,58
«É fácil de ler»	29	23,97
«Aprende sobre o Nordeste»	28	23,14
«É engraçado»	9	7,44
«É escrito em verso»	5	4,13
«Fala de Deus»	3	2,48
Outros	6	4,96
Sem resposta	4	3,30
TOTAL	121 *	100,00

* mais de uma opção

Nosso apoio nessa parte da pesquisa foi sobretudo a tabela. A aceitação foi boa, mas as respostas dos entrevistados não revelaram conteúdo suficiente nas justificativas. Os itens da tabela estão entre aspas como foram registrados durante a entrevista.

Dos 4 entrevistados que disseram não gostar do folheto, dois responderam que não haviam gostado do assunto tratado no texto; outro disse não ter entendido a estória; e ainda houve o que não gostou «porque é

mentira». Este último com 24 anos de idade com preferência de leitura em poesia, religião, fotonovela revela com essa resposta a ambigüidade existente entre o real e a fantasia — traço relevante na reflexão do leitor sobre a literatura. Para ele a realidade, (ou a verdade?) é indispensável ingrediente da literatura. Como a religião, mas ao mesmo tempo ele gosta de fotonovela que é justamente o oposto da «realidade» exigida, é o reforço da ideologia dominante, com o ocultamento do real. Enquanto no poético recria-se, inventa-se no processo de produção de sentimento (mesmo que se reproduza ideologicamente o sentido); na fotonovela, o clichê, o estereótipo são constantes (seria isso também uma realidade?).

A pergunta 5 — o que você achou da maneira como é escrito o folheto? — não pareceu clara para os entrevistados. As respostas foram vagas, oscilando entre o achar «bom», «legal», «ótimo», onde pudemos observar também o nível de escolaridade baixo (1ª fase / 1º grau). Houve, entretanto, respostas que se aproximaram do que se pretendia saber, ou seja, ver a possibilidade de compreensão sobre a literatura. Por exemplo:

- «muito boa, um estilo de poesia em prosa» (sexo masculino, 18 anos, Santa Luzia);
- «é mais romântico, prático de ler» (sexo fem., 38 anos, Santa Luzia);
- «se não fosse em verso não seria tão bom» (sexo masculino, 12 anos, Sarzedo);
- «é interessante, conta história fazendo poesia» (sexo fem., 13 anos, Sarzedo);
- «legal, assim eu animo a ler» (sexo fem., 15 anos, Santa Luzia).

A poesia, modalidade tão preferida pelas crianças, está vinculada à oralidade, fonte da literatura infantil e ao processo de experiência escolar. Nas primeiras séries do 1º grau, a poesia tem seu espaço como experiência lingüística para a criança, e seu contato com a poesia desperta o interesse para outros textos poéticos. Em todos os povos a aceitação da poesia é uma constante de caráter universal. Veja-se, por exemplo, os haicai existentes no Japão milenar. As cantigas de roda, os refrãos das brincadeiras infantis, entre outros.

A poesia é uma fase intermediária do aprendizado de literatura. A falta de maior produção de poesia infantil é ressentida inclusive pelas crianças. Por terem gostado do contato que tiveram com a poesia, procuram fora da escola outros textos, a fim de continuarem a brincadeira e descobrirem outras possibilidades.

A pergunta sobre a compreensão vocabular revelou um dos traços que mais sobressai durante a leitura do não nordestino. A diferença regional. O falar («dialeto») nordestino e o falar («dialeto») mineiro. A compreensão média é maior. As respostas oscilaram entre algumas palavras não entendidas e o mais ou menos.

Mais uma vez constata-se a descoberta lúdica do Cordel e como isto motivou a leitura. Pareceu-nos que a sonoridade, o ritmo do verso sobretudo foi relevante em detrimento do significado da palavra. O arranjo lúdico dos sons é uma função poética da linguagem, veja-se, por exemplo esse texto do Cordel de Expedito Sebastião da Silva.

«Nosso destino é um livro / que se abre ao nascer
/ cada dia é uma página / que todos vêm decorrer /
cujo livro só se fecha / no momento de morrer». (Suplício
de um Condenado).

Ou ainda:

«Eu venho aqui porque posso / Disse-lhe a virgem Maria / O diabo disse sorrindo / E eu também não sabia / Que o céu era cheio de dono / de secretário à vigia». «Cheio de ira o satanaz / Ao bom Jesus disse assim / Eu me retiro porém / Ninguém se queixa de mim / porque vou dizer ao povo / Que só faça o que é ruim». «Vou mandar gente jogar / desonrar matar beber / Não ir nunca a igreja / Roubar quando for vender / Tudo aqui é perdoado / Pois o mal pode fazer». (A 2ª queixa de Satanaz a Cristo sobre a **corrupção** do mundo).

A pergunta 7 — você já conhecia esse tipo de literatura? de onde? — revelou-nos a novidade do folheto. 92,66% dos entrevistados afirmaram não ter jamais tido contato com essa modalidade de literatura; 3,68% conhecia o Cordel através dos colegas do bairro (do carro-biblioteca). Um usuário conhecia o Cordel de suas viagens pela Bahia, em Porto Seguro, por ocasião de festa de Nossa Senhora da Ajuda, e de Joáima, Vale do Jequitinhonha. Um outro por ter tido contato com poetas de São Paulo.

A produção do Cordel é praticamente desconhecida pelos entrevistados. Se a escola, para aqueles que podem ou puderam freqüentá-la não mostra esse tipo de literatura torna-se difícil o contato com ela. Os meios de comunicação veiculam os cantadores sob formas as mais variadas. Convém lembrar aqui, os programas de TV que trazem a música popular de recantos diversos, e agora em gênero diferente — a mini-série contando Lampião e Maria Bonita.

A pergunta 8 — quem leu o folheto? o que acharam? revelou-nos a circulação do folheto e a circulação da informação sobre o folheto.

O empréstimo à família foi de 55%; os que não emprestaram a ninguém 33%; os que emprestaram somente a colegas 8%; os que emprestaram à família e aos colegas 4%.

78% desses familiares e colegas que leram os folhetos, a partir dos usuários do carro-biblioteca gostaram. Alguns depoimentos reafirmam a aceitação:

- «Tenho 7 irmãos, um achou chato e os outros falaram que era legal» (sexo fem., 9 anos, Raposos);
- «Meus irmãos gostaram muito. Queriam ficar com o folheto» (sexo fem., 15 anos, Raposos);
- «Meu irmão achou ótimo, porque é fino, lê rápido e é em verso «(sexo masculino, 15 anos, Sarzedo);
- «Meu pai gostou. Pediu para levar do Lampião, para ver se é igual a estória da TV» (sexo masculino, 10 anos, Raposos).

A família do entrevistado é o centro de transmissão. A aceitação, a receptividade por parte da família talvez tenha sido um dos fatores que levou o usuário a pedir empréstimo de mais folhetos, para que outros lessem. Solidariedade coletiva. Caberia em outra fase de pesquisa saber se o interesse se expressa pela participação crítica e apreciação do folheto.

A pergunta 9 — você gostaria que o carro-biblioteca tivesse sempre esse tipo de literatura? Por quê? — surpreendeu-nos em expectativa.

97% aceitou a idéia, sendo que um dos entrevistados revelou por escrito que é «o único meio além de outros veículos de comunicação como o rádio de se divulgar o Cordel. Ótima iniciativa. Parabéns» (entrevista assinada por Carlos Cardoso, 29 anos, Sarzedo).

A partir da primeira fase dessa pesquisa, a que observou os depoimentos dos leitores e que revelou quase que em sua totalidade a receptividade da literatura de Cordel na periferia de Belo Horizonte, vimo-nos inclinadas a fazer uma correlação entre a preferência de leitura dos Contos de Fadas tradicionais, a literatura infantil em geral com aquela literatura.

Não resta dúvida que a oferta maior é dessas modalidades de literatura (no carro-biblioteca). Ao inserir os folhetos no carro-biblioteca a novidade iria atrair seus usuários. Não pensávamos que a aceitação fosse tão relevante quanto a daquelas literaturas — O folheto do Cordel parece ter contribuído e estimulado experiências novas de leitura, já que seus conteúdos de história, geografia, religião recebem um arranjo poético e ficcional que estão também presentes nos textos da carochinha. Gabriela Mistral, em 1935, estudava a qualidade dos contos populares na base da literatura infantil porque via neles a base dos contos de Fadas. Luís da Câmara Cascudo também fez estudos nesse sentido.

Acreditamos que a recepção do folheto esteja ligada a esse prazer de leitura infantil. Da mesma forma que a literatura infantil é recebida como forma lúdica de informação, assim também o texto de Cordel.

Vários depoimentos mostram a curiosidade pelas estórias do Nordeste e a preocupação em aprender alguma coisa através dos textos (formação/informação)

- «a gente fica sabendo das coisas de vida de Lampião, quando Lampião foi capitão (sexo masculino, 12 anos, Raposos);
- «a gente fica sabendo muitas coisas da terra da mãe, ela é de Caruaru». (sexo fem., 13 anos, Raposos)

As histórias de «literatura infantil» e a dos contos de fadas estão ligadas funcional e ideologicamente à pedagogia. Moralismo, didatismo são-ismos que pertencem à ideologia do poder dominante e que são transmitidas do adulto para a criança em todas as épocas. A educação foi sempre permanência do status quo, das ideologias mantenedoras do poder constituído. Dentro da escola aprende-se um saber institucionalizado, a exemplaridade, os modelos, a negação ou ocultação de conflitos políticos, sociais e econômicos, além da centralização, através de um único padrão de linguagem que representa a unificação verbal, intimamente ligada à hegemonia cultural, lingüística e sócio-política da classe dominante.

Resumindo: com a possibilidade de outras leituras, não só as veiculadas pela Indústria Cultural e pelo sistema editorial brasileiro, o carro-biblioteca abre espaço para outras produções literárias ligadas, especialmente à cultura das classes dominadas para que cada vez mais a leitura seja uma prática social e se tenha «diante de toda e qualquer manifestação artística uma atitude aberta e crítica ao mesmo tempo. Mas aberta também e especialmente àqueles que buscam ligar-se à cultura brasileira e assim valorizar a nossa capacidade de expressar nossa própria vida, vale dizer, a nossa capacidade de assumirmos o nosso destino» (7).

6. AGRADECIMENTO

Agradecemos à Jeannette M. Kremer a força técnica nas tabelas e comentários em geral.

Presents a study on the acceptance of the «cordel» literature among users of the Bookmobile of the Library School of the Federal University of Minas Gerais. Hundred and nine persons were interviewed in Sarzedo, Raposos and Santa Luzia in order to verify how they accept popular literature from a different region of Brazil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOSI, Ecléa. **Cultura de massa, cultura popular: leitura de operárias**. 4 ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1978. p. 15.
2. PATATIVA DO ASSARÉ. **Poemas e Canções**. Rio de Janeiro, CBE, 1979. (disco) ————. **A terra é naturá**. Rio de Janeiro, CBE, 1981 (disco)
3. SILVA, Expedito Sebastião. **Suplício de um condenado**. Juazeiro do Norte, José Bernardo da Silva, 1980. 32 p.
- REI, H. **As duas mulheres valentes**. s. n. t. 8 p.
- SILVA, Expedito Sebastião. **Trechos da vida completa de Lampião**. Juazeiro do Norte, José Bernardo da Silva, 1981. 32 p.
- DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Chico Ricardo e o Negro Teixeira**. 3 ed. Caruaru, s. ed, 1982, 8 p.
- VILANOVA, José A **2ª queixa de Satanaz a Cristo sobre a corrupção do mundo**. s. n. t. 16 p.
- SANTOS, Severino José. **A velha feiticeira contra Lampião**. s. n. t. 8 p.
- DILA, José Cavalcanti e Ferreira. **Os sertões e o cangaço**. 2 ed. Caruaru, Sabaó. s. d. 30 p.
4. PEREIRA, Luis. **Trabalho e Desenvolvimento**. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1965. p. 179.
5. KREMER, Jeannette. **Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Uma análise da demanda de material de leitura**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. João Pessoa, 1982. **Anais**. João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 1. p. 190-208.
6. CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro. Achiamé, 1982. p. 67.
7. FERREIRA GULLAR. **Sobre arte**. Rio de Janeiro, Avenir; São Paulo, Palavra e Imagem. 1982. p. 39.

ANEXO

Entrevista — o Carro-biblioteca e a Literatura de Cordel

Cidade _____ Idade _____
Entrevistador _____ Sexo (F) (M) _____
Data / / _____ Profissão _____

1. Há quanto tempo você pega livros/revistas no carro-Biblioteca?
2. a — Para quem você pega livros?
- b — Você mesmo lê esses livros ou são para outra pessoa?
- c — Quem?
3. a — Que tipo de leitura você mais gosta?
4. a — Você levou um folheto de cordel. Qual?
- b — Por que você levou o folheto?
- c — De que fala?
- d — Você gostou?
- e — Por quê?
5. a — O que você achou da maneira como é escrito o folheto?
6. a — Você entendeu o significado das palavras?
7. a — Você já conhecia esse tipo de literatura?
- b — De onde?
8. a — Quem, além de você, leu os folhetos que você levou?
- b — O que eles acharam?
9. a — Você gostaria que o carro-biblioteca tivesse sempre esse tipo de literatura?
- b — Por quê?